

## “...uma potência Fluida e desconhecida”

Por Ligia Canongia, Outubro 2007

**Anfi** é um prefixo grego que quer dizer “de ambos os lados”, “de uma e de outra espécie”, ou ainda “o que circula, o que vai de um lado a outro”. Em 2000, Daisy Xavier realizou uma exposição com o título “**Anfibio**” 1 e, nela parecia inscrever algumas questões primordiais da obra. Ali delineava-se claramente seu interesse pelos estados de passagem, pela diluição dos limites e por situações em constantes devir, em que as matérias prenunciavam latentes deslocamentos. Aquelas esculturas e fotografias 'anfíbias'. Que transitavam entre o estado líquido e sólido, eram também maleáveis a tipos diversos de espaços, e já buscavam ajudar à idéia de corpo o sentido dinâmico e descontínuo do inconsciente. Interessada em criar objetos poéticos que interrogam sobre suas próprias formas, no sentido de colocar em xeque sua estabilidade e suas determinações físicas, a artista está sempre a propor situações em trânsito, quebrando a diferença entre os opostos, e dando ao trabalho de arte uma potência fluida e desconhecida.

Na exposição atual, Daisy Xavier declara, afirmativamente, que está lidando “com a artificialidade dos opostos” 2, ou seja, que termos dicotômicos são meras categorias convencionais ou instrumentos artificiais de construção de linguagem, pois que, no real e na existência, tudo se entrelaça. A artista parece estar constantemente interrogando sobre a clareza dos limites entre as coisas, a com-fundir o dentro e o fora, o direito e o avesso, o estático e o volúvel. Seus trabalhos produzem inscrições visuais possíveis para a idéia de fluxos voluptuosos, que não cabem na imobilidade dos sólidos, na determinação de parâmetros, e nem mesmo no léxico regular da fala.

“Negação” é um vídeo que discorre sobre a demolição de uma casa de 1890, onde a artista viveu grande parte de sua vida. A filmagem desta destruição certamente possui laços afetivos óbvios, mais o que importa, talvez, não seja especular sobre o cruzamento da biografia com a obra, mas buscar o enlace ‘anfíbio’ que permeou sua estrutura. O vídeo projeta em endless loop cenas da demolição e de seu reverso, quando então assistimos, simultaneamente, a sua reerguida fantasmática. Daisy Xavier diz que “destruir e construir são dois movimentos de um mesmo fato” 3. Isso nos lembra Picasso dizendo que fazer arte é destruir, e assim declarando só ser possível construir a linguagem poética a partir do desmonte da realidade.

A dinâmica circular que perpassa a projeção indefine o princípio do fim, o que vem antes do que vem depois, em uma relação trans-temporal que substitui o estatuto do tempo progressivo por uma ordem imprevista e permutável. “Negação” parece estar

ligado ao conceito freudiano de 'denegação' , pois cria uma simetria entre negar e afirmar , uma vez só se pode negar algo que já existia antes, que já era presente. No vídeo, Daisy Xavier reverte o sim ao não , e vice-versa, convertendo a noção antagônica em equivalência . Da mesma forma, presente e passado alternam-se e recriam-se em espiral, como a evoluir numa cadeia paradoxal que rompe a hierarquia do tempo.

Ao lado do vídeo, a artista apresenta uma série de fotografias derivadas da demolição, que também parecem ser construídas a partir de pequenas destruições, e da montagem cinemática de recortes dispersos e desconexos . O assemblage dessas cenas, editadas de forma a romper com a narrativa linear e convencional, ativam relações entre o corpo e a casa, subvertendo a separação entre continente e conteúdo, imagem e coisa. O corpo está imerso nas paredes, escadas, pisos e corrimões, em uma identificação absoluta com o lugar, compondo com ele um magma irreversível, e negando qualquer conflito entre suas naturezas. A montagem dilui as diferenças, produz um movimento de síntese entre partes aparentemente disjuntivas, e aproxima alteridades em correspondências unívocas, mas incomuns.

Nesta exposição, Daisy Xavier reafirma seu interesse em ativar correlações que contrariam a objetividade do mundo e reverberam acima do senso comum, em instituir espaços e tempos imemoriais, que suspendem a precisão dos limites cronológicos e racionais. O vídeo e as fotografias desfilam por um espaço-tempo flutuante, que se esquia dos eixos invariáveis da ordem , arremetendo-se ao encontro de outras texturas, como a do revolvido, do ondulatório e das derivas.

Ligia Canongia, Outubro 2007

1- Anfíbio foi realizado no Centro Cultural Candido Mendes de Ipanema em setembro e 2000.

2- Depoimentos da artista à autora.